

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA · TEOLOGIA · PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 9 · n. 2 · Dezembro | 2020

DA PAIDEIA GREGA A PEDAGOGIA DO LOGOS

From the greek paideia to the pedagogy of the logos

Me. Elias Gomes da Silva¹

RESUMO

O artigo examina a construção de um dos conceitos primordiais do cristianismo nascente, a saber: a *Pedagogia do Logos*. O respectivo termo é considerado uma espécie de primeira exposição sistemática da fé cristã sobre a temática da educação. Tomando como base o conceito helênico de *Paideia Grego*, o texto de Clemente de Alexandria (O Pedagogo) vai apresentar Jesus Cristo não como o mestre que cultiva o intelecto ou a capacidade mental, mas sim como o modelo em que os homens podem encontrar o exemplo, o preceito, a exortação, a correção e o amor.

Palavras-chave: Paideia. Logos. Pedagogia. Filosofia. Jesus.

¹O autor é Professor de Filosofia pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP), e de Teologia no Seminário Batista do Nordeste Paulista (SEBANOP). Especialista em Filosofia Contemporânea (FACEL). Especialista em Teologia Sistemática (CPAJ/MACKENZIE). Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Atualmente o mesmo desenvolve pesquisas nas áreas de Filosofia, Educação e Cultura Religiosa. Endereço eletrônico: filosofia.elias@hotmail.com

ABSTRACT

The article examines the construction of one of the primordial concepts of nascent Christianity, namely the Pedagogy of the Logos. The respective term is considered a kind of first systematic exposition of the Christian faith on the subject of education. Based on the Hellenic concept of Paideia Grego, the text by Clemente de Alexandria (The Pedagogue) will present Jesus Christ not as the master who cultivates intellect and mental capacity, but as the model in which men can find an example, the precept, the exhortation, the correction and the love.

Keywords: Paideia. Logos. Pedagogy. Philosophy. Jesus.

INTRODUÇÃO

O *relacionamento inicial* entre filosofia e cristianismo não aconteceu pela instrumentalidade da filosofia clássica, sobretudo aquela protagonizada por nomes como Sócrates, Platão e Aristóteles – mas sim, primeiramente, através do chamado período helenístico. Inclusive, há quem defenda que sem a expansão pós-clássica da cultura grega, jamais poderia ter surgido a religião cristã como pretensões de caráter universais. Ora, por questões óbvias, é necessário pensar a respectiva relação tendo como base primordial o seu contexto mais próximo. Refiro-me às mudanças promovidas no século IV a.C., a partir das conquistas de Felipe II e principalmente de Alexandre Magno, que possibilitaram as condições para a formação de um novo cenário político, econômico e cultural no mundo antigo, que ficou conhecido posteriormente como o período helênico da filosofia grega.² Costuma-se fazer distinção entre o período clássico do pensamento grego, que termina com a morte de Aristóteles, e o helênico, que se situam: os estoicos, os epicuristas, os neopitagóricos, os céticos, os cínicos e os neoplatônicos. Para muitos, acha-se aí a fonte imediata de boa parte do pensamento cristão. Tudo isso por assimilação, incorporação e ressignificação generalizada.

O helenismo caracterizou-se pela difusão da cultura grega e sua fusão com os valores de outras culturas e povos conquistados, tais como: o Egito, a Mesopotâmia, a Síria, a Pérsia, a Índia e a Judeia. Nesse sentido, sendo o cristianismo fundamentado a partir da tradição judaica, é natural e

²TILLICH, P. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2007, p. 26.

compreensível começar nossa abordagem por esta valoração. Dentro desta perspectiva, entende-se que os elementos compostos nas escolas filosóficas gregas teriam supostamente influenciado a constituição do cristianismo nascente. As escolas gregas, não eram escolas no sentido em que temos hoje.³ Trata-se de comunidades cujas características beiravam a liturgias cúlticas. Seus membros queriam viver de acordo com as doutrinas de seus mestres. Proporcionalmente, estabelecendo uma espécie de análise comparatista, poderíamos ir multiplicando os exemplos, sem fim, e transformando as coisas supostamente “profanas” em “sagradas”. É sobre este ambiente que se estabeleceu a influência do helenismo sobre o cristianismo nascente.⁴

Ora, não precisaríamos de um esforço acadêmico muito grande para perceber a relação de influência. Diversos pesquisadores procuravam deixar claro, o que nem sempre é possível, que o cristianismo possui uma sua relação de profunda “dependência” da cultura grega. Em geral, esta postura, via e compreendida que a rápida disseminação do cristianismo se devia, desde a sua primeira geração, basear-se em pelo menos dois aspectos centrais. Primeiramente, aos judeus que se achavam helenizados no tempo de Paulo, não só na Diáspora judaica, mas, num grau considerável, também na Palestina. Em segundo lugar, foi precisamente para esta fração helenizada do povo judeu que os missionários cristãos primeiro se dirigiram. Portanto, em certo sentido, não é possível compreender o cristianismo nascente fora do contexto helenístico.⁵

Proporcionalmente, para reforçar ainda mais esta hipótese, seus defensores costumam delimitar vários exemplos: (1) a utilização da língua grega como idioma oficial; (2) a criação do nome da nova religião, *christianoí*, teve origem na cidade grega de Antioquia; (3) o grego era falado em todas as sinagogas do Mediterrâneo (e do Egeu), o que implicou: o contato dos cristãos com um séquito de prosélitos politeístas presentes nas sinagogas; e, que toda a atividade de Paulo baseou-se neste fato; que as discussões com os judeus, a quem Paulo se dirigia nas suas viagens e a quem tentava levar o evangelho eram conduzidas em grego; (4) tanto Paulo quanto os judeus citavam, via de regra, o

³TILLICH, 2007, p. 26-27.

⁴JAEGER, W. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**. São Paulo: Academia Cristã, 2014, p. 13.

⁵JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 13-17.

Antigo Testamento da versão grega dos Setenta; (5) a presença marcante, nos autores cristãos, não só das formas literárias gregas da Epístola, segundo o modelo dos filósofos gregos, como, também, de inúmeros exemplos, contidos em seus trabalhos, extraídos de autores gregos.⁶

Assim, objetivando o que fora dito, a respectiva pesquisa será desenvolvida da seguinte forma: *Primeiro* faremos uma incursão histórica – de caráter panorâmico – procurando mais uma vez demonstrar o grau de influência da cultura grega sobre a literatura cristã antiga. A ideia principal é demonstrar que, desde de seus primórdios, a tradição cristã utilizou de conceitos da cultura helenista como instrumento para propagação da nova fé, sem deixar também, de reconhecer a suposta ameaça, pois o problema era saber se essa fé podia assimilar a cultura grega, ou seja, aceitar seus padrões de pensamento e estruturas intelectuais e, ao mesmo tempo, evitar de nele submergir.⁷ Em *segundo* lugar, procuraremos estabelecer uma análise mais delimitada da chamada “Pedagogia do Logos” – mais precisamente a partir do pensamento teológico de Clemente de Alexandria, em que é possível perceber uma espécie de primeira exposição sistemática da visão cristã de educação.⁸ Isto é, tomando como base o conceito helênico de Paideia Grega, o autor vai apresentar Jesus Cristo não como o mestre que cultiva o intelecto ou a capacidade mental, mas sim como o modelo em que os homens podem encontrar o exemplo, o preceito, a exortação, a correção e o amor.

1. CRISTIANISMO PRIMITIVO E PAIDEIA GREGA

O título desse tópico foi utilizado pela primeira vez no final do século XX, mais precisamente em 1960 em uma série de conferências proferidas pelo filósofo e educador alemão Werner Jaeger, na prestigiada Universidade de Harvard.⁹ Naquela ocasião, o autor pretendia elencar alguns aspectos e conteúdos sobre a questão da recepção da *paideia* grega pelo mundo cristão primitivo. Trata-se em procurar demonstrar a abrangente transformação que ocorreu com o respectivo conceito grego no interior da História da literatura

⁶ JEAGER, 1991, p. 13-17.

⁷ GILES, T. R. **História da Educação**. São Paulo: EPU, 1987, p. 56.

⁸ GILES, 1987, p. 58.

⁹ JAEGER, 2014, p. 9. Um ano depois (1961) os conteúdos dessas preleções foram reorganizados e publicados pelo autor em livro com o mesmo título.

cristã antiga: grego e latina.¹⁰ Como o próprio Jaeger afirma, o objetivo não é estabelecer de maneira indiscriminada uma abordagem abstrata do contraste entre religião e cultura, como se fossem duas formas heterogêneas da mentalidade humana. Neste caso, o autor defende a necessidade que os estudiosos da literatura clássica têm de primar por uma análise histórica do fenômeno.¹¹ Em outras palavras, ele reconhece que seu desejo não era o fazer comparações filosófico-teológica entre a mentalidade helênica, com o espírito da fé cristã – pois segundo o mesmo, tal empreendimento acadêmico já teria sido feito anteriormente com maestria, por autores como: Ernest Renan e Friedrich Nietzsche.

Desde a obra famosa de Werner Jaeger (1995), o termo *paideia* sugere de imediato o conceito de Ideal formativo do homem, descoberto e formulado pelos gregos.¹² Subentende-se então, que a paideia seria, uma espécie de “Ideal de Educação”, cujo homem deve ser contemplado de maneira completa. Portanto, busca-se o desenvolvimento físico e espiritual. Isto é, amadurecido com o auxílio da arte e da devida colaboração de adultos experientes, este, no pleno exercício das suas potencialidades físicas, intelectuais e morais, se desenvolve plenamente.¹³ Acontece, entretanto, que esse ideal formativo, formulado de modo clássico e com valor perene, por se assentar na realidade e no conceito de personalidade humana, acabou se revestindo na prática por aspectos míticos-culturais discutíveis e dignos de censura. Por isso, obviamente, quando o cristianismo surgiu, houve de início um choque entre os representantes da *paideia* clássica e os mensageiros da Boa Nova anunciado por Jesus Cristo.¹⁴

Dito isso, as pretensões W. Jaeger repousam preferencialmente em procurar mais uma vez demonstrar, a maneira como os processos culturais se dão, sejam através de absorção, assimilação e ressignificação de seus ambientes contextuais. Elaborou-se, assim, a partir de suas séries de conferências de Harvard – ampliada agora no livro – uma análise e abordagem panorâmica sobre as principais obras literárias do período. Nesse sentido, tendo como

¹⁰ JAEGER, 2014, p. 7.

¹¹ JAEGER, 2014, p. 9-10.

¹² NUNES, R. A. C. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. São Paulo: Kírion, 2018, p. 86.

¹³ NUNES, 2018, p. 86-87.

¹⁴ NUNES, 2018, p. 86.

base constitutiva o conceito de paideia grega, nasce, assim, uma narrativa a princípio, supostamente sem qualquer tipo de confronto direto com os fundamentos teológicos, procurando encontrar muito mais uma espécie de “conexão intrínseca” ou “relação de continuidade”. Estruturalmente, o livro está dividido em sete capítulos, elencando-os da seguinte forma: (1) *O Primeiro Encontro* (p. 9-22); (2) *Clemente Romano* (p. 23-37); (3) *Os Apologistas* (p. 38-49); (4) *O Neoplatonismo* (p. 50-60); (5) *Os Alexandrinos: Clemente e Orígenes* (p. 61-84); (6) *Os Padres Capadócijs* (p. 85-102); (7) *Gregório de Nissa* (p. 103-118).

Já no primeiro capítulo, o autor vai apontar que uma das principais características para entendermos o processo de assimilação e ressignificação efetuado pelo cristianismo primitivo sobre a paideia grega, é necessário iniciar compreendendo o significado do conceito de *encontro cultural*. Os processos culturais possuem em si mesmo o potencial de mudança. Foi esse potencial, que ao longo do tempo, produziu a imensa diversidade de culturas.¹⁵ Tal fenômeno ocorre por: aculturação, transculturação e enculturação. A primeira máxima ou estágio desse processo cultural foi sem dúvida a questão do uso da linguagem, e toda a gama de conceitos sutilmente atrelados a mesma. Nas palavras de W. Jaeger temos:

[...] Nós observamos o primeiro estágio do helenismo cristão no uso da linguagem grega que encontramos nos escritos no Novo Testamento, e que continua em período pós-apostólicos até o tempo dos assim chamados Pais Apostólicos. Esse é o significado original da palavra *Hellenismos*. A questão da linguagem, de maneira alguma significou uma matéria irrelevante. Com a linguagem grega todo um mundo de conceitos, categorias de pensamento, metáforas herdadas, e conotações sutis entram no pensamento cristão.¹⁶

Logo em seguida (capítulo II), o educador alemão faz uma análise detalhada na obra de Clemente Romano. Trata-se simplesmente daquele que é reconhecido como autor do documento literário mais antigo da religião cristã – a chamada *Primeira Epístola de Clemente aos Coríntios*.¹⁷ Nesse escrito, Jaeger aponta para o uso frequente e constante de recursos oriundos

¹⁵ GOMES, M. P. **Antropologia. São Paulo:** Contexto, 2008, p. 208.

¹⁶ JAEGER, 2014, p. 12-13.

¹⁷ Ver em CLEMENTE ROMANO. In. **Padres Apostólicos. São Paulo:** Paulus, 2017, p. 23-70.

incorporados da paideia grega.¹⁸ De fato, por influência da paideia grega, ainda vigente e aceita, passou a elaborar um novo conceito de paideia, sobretudo agora com a identidade cristã.¹⁹ É preciso considerar que, nesse momento, o conceito de paideia já não marcava relação com o mundo da época, que chamavam de “pagão”, pois ficava clara para os cristãos, pelo que acreditavam, a possibilidade de contribuírem para a elaboração de um verdadeiro conteúdo de paideia.²⁰ Desse modo, iniciou-se uma nova fase do conceito, outrora tão prezado pelos gregos. Portanto, ele passava a tomar um direcionamento oposto àquele consagrado pelos séculos na formação do homem helênico - ou seja, a paideia cristã.²¹

Do *terceiro ao quinto* capítulo (Os Apologistas, Os Neoplatônicos, Os Alexandrinos) nosso autor procurou pensá-los de maneira correlata. Isto é, o trabalho dos teólogos apologistas só faz sentido na medida em que os mesmos são pensados como respondendo de forma “inteligente” os ataques daqueles que, em nome de uma suposta “filosofia”, achavam que o cristianismo não era digno de ser aceito e incorporado na cultura romana. Sob diversas formas, essas acusações podiam ser resumidas da seguinte forma: os cristãos eram pessoas ignorantes cujas doutrinas, pregadas sob um verniz de sabedoria, eram em realidade néscias e contraditórias.²² Entretanto, tal empreendimento de defesa, só foi possível pela instrumentalidade e influência de filósofos Neoplatônicos. É justamente na cidade de Alexandria, “capital” dos grandes Apologistas cristãos que surgiu os Neoplatônicos. O neoplatonismo, que surgiu em Alexandria com Amônio Saccas e Plotino de Licópolis, vai influenciar decididamente o pensamento e os trabalhos de Clemente e Orígenes.²³ Ele diz:

[...] Clemente e Orígenes cresceram sob este sistema cultural. Ele dominou não somente as escolas filosóficas de seu tempo como também a *paideia* helênica tradicional [...] conduziram seus alunos pelo caminho daquela espiritualidade que era o elo comum de toda religião mais elevada na antiguidade tardia. Todas as tradições, pagãs

¹⁸ JAEGER, 2014, p. 29.

¹⁹ MELO, J. J. P. São Clemente Romano e sua Carta aos Coríntios: aspectos da Educação Cristã. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano V, n. 13, 2012, p. 181-203, p. 193.

²⁰ MELO, 2012, p. 193.

²¹ JAEGER, 2014, p. 29.

²² GONZÁLES, J. L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 1, p. 82.

²³ Ver em ORÍGENES. In. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2017

e cristãs, foram reinterpretadas a partir dessa fonte de sentimento religioso, a fim de torná-las mais aceitáveis aos homens da nova época.²⁴

É neste sentido, consoante o processo histórico de longa duração que levou o cidadão antigo a desacreditar das suas divindades tradicionais e a procurar novas formas de interação com o sagrado, que demonstram a emergência do neoplatonismo como uma nova possibilidade. É neste contexto, que as propostas defendidas pelo cristianismo nascente, apresentadas pelos teólogos apologistas, serviram e muito para o acolhimento intelectual e espiritual de muitos.²⁵

Assim vai nascer o *sexto* capítulo do livro. Isto é, os chamados Padres Capadóciotes seriam na verdade uma espécie de prolongamento “melhorado” dos trabalhos realizados por Clemente e Orígenes. Portanto, os apologistas alexandrinos iniciaram de forma promissora, o que os capadóciotes majestosamente sistematizaram. Assim, W. Jaeger continua dizendo:

Orígenes e Clemente iniciaram essa linha de pensamento em alto nível, mas agora muito mais era necessário. Orígenes havia dado à religião cristã sua própria teologia no estilo da tradição filosófica grega,²⁶ mas o que os capadóciotes tinham em mente era uma civilização toda cristã. Eles movimentaram, para essa tarefa, uma ampla cultura que é manifestada em todos os lugares em seus escritos [...] os capadóciotes, não proclamaram programas para o desenvolvimento da religião cristã em seu tempo, mas revelam suas ideias a cada passo e por toda sua obra. Eles são grandes teólogos, mas são mais do que isso. Apesar de sua grande apreciação por Orígenes, a quem eles frequentemente se referem, assim como ele, eles mostram que pensam a teologia como uma grande ciência baseada em um conhecimento supremo e como uma atividade filosófica da mente. Essa ciência é parte da civilização a qual eles pertencem e com a qual estão familiarizados [...] apesar de suas convicções religiosas, que eram opostas ao reavivamento da religião grega clássica, tentado pelas forças poderosas dentro do Estado

²⁴ JAEGER, 2014, p. 58-60.

²⁵ JAEGER, 2014, p. 52.

²⁶ A sistematização do pensamento teológico-filosófico de Orígenes pode também ser encontrado e compreendido com melhor propriedade na mesma coleção da Patrística em ORÍGENES. **Tratado Sobre os Princípios**. São Paulo: Paulus, 2018.

em seu tempo, eles não ocultavam sua grande estima pela herança cultural da antiga Grécia. Assim, eles chegaram a reviver a relação positiva e produtiva do cristianismo e do helenismo que nós já encontramos em Orígenes, mas agora em uma nova forma e em um nível diferente.²⁷

No tocante à forma como *Os Padres Capadóci*os vão se “diferenciar” das propostas estabelecidas anteriormente por Clemente e Orígenes, o autor aponta o problema da rejeição que a confessionalidade eclesiástica irá demonstrar, sobretudo em relação a Orígenes.²⁸ Por exemplo, a obra do alexandrino foi por diversas vezes questionada por ter supostamente aderido, produzido e confeccionado algumas doutrinas consideradas “heréticas”, tais como: *a coeternidade da criação, a preexistências pecaminosa das almas, a ressurreição no juízo final, a suposta passividade da redenção do diabo* entre outras.²⁹ Diferente dos irmãos capadóci, que de posse de uma tradição mais estabilizada e mais rigorosamente formulada, além de um senso mais seguro da norma da fé, estes se empenham em fornecer uma interpretação ortodoxa.³⁰ A importância deste empreendimento é inegável, visto ter conduzido à maturidade os melhores elementos doutrinários dos mestres alexandrinos, procurando assim traçar as linhas mestras para a evolução futura da patrística grega.³¹

Já sobre o *último* capítulo do livro, Werner Jaeger, termina falando da teologia de Gregório de Nissa.³² Em termos gerais, a concepção de Gregório da paideia cristã é correspondente à noção de *paideia* grega. Nesse sentido, o cristianismo é para o cristão o que a filosofia era para os filósofos.³³ Isto é, o verdadeiro cumprimento do ideal cristão de “vida plena”, seria uma espécie

²⁷ JAEGER, 2014, p. 90-91.

²⁸ O pensamento de Orígenes representa um estágio mais “avançado” do uso dos sistemas e técnicas filosóficas, ou seja, enquanto Clemente, seu predecessor, está ainda mais próximo dos primeiros apologistas, sendo inclusive chamado de o último e mais importante desse grupo. Conseqüentemente, os escritos de Orígenes e Clemente se diferenciam grandemente na forma. Orígenes é mais erudito. Nesse sentido, ele emprega, pela primeira vez na literatura cristã, as formas tradicionais da erudição grega, tais como a edição crítica, comentários, escólio, tratado científico, diálogo, a fim de expor seu imenso conhecimento e pô-los a disposição das gerações futuras (JAEGER, 2014, p. 74).

²⁹ Mais informação em SÃO JERÔNIMO. **Apologia Contra os Livros de Rufino**. São Paulo: Paulus, 2013.

³⁰ BOEHNER, P; GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 79.

³¹ BOEHNER; GILSON, 2017, p. 79-80.

³² JAEGER, 2014, p.103-118.

³³ JAEGER, 2014, p. 106.

de esforço contínuo e vitalício para alcançar o fim último e se aproximar da perfeição, na medida em que isso fosse possível ao homem. Da mesma sorte, o principal propósito da filosofia, sobretudo pela instrumentalidade da *paideia* é o de ideal de “vida filosófica”, voltada de forma exclusiva para o bem supremo do homem.³⁴ Entretanto, no cristianismo, esse ideal de “vida plena” nunca é executado sem o auxílio do Espírito Santo. Subentende-se, então, que somente o homem que possui o Espírito Santo é capaz de ser um verdadeiro intérprete do bem supremo, pois somente o Espírito Santo é capaz de entender a si mesmo. Na *paideia cristã* o próprio Espírito é concedido como força educadora que está sempre presente no mundo e que tem falado por meio dos seres humanos que se transformam em seus instrumentos. Portanto, o modo pelo qual o Espírito fala à raça humana nas Escrituras é correspondente àquele do educador sábio que nunca esquece os limites restritos da capacidade dos seus discípulos.³⁵

2. A PEDAGOGIA DO LOGOS

A expressão *Pedagogia do Logos* ou “educação cristã” precisa ser melhor compreendida. Quando se fala de uma “educação cristã”, pautada necessariamente a partir da noção da Pedagogia do Logos é preciso antes de qualquer coisa, que façamos algumas considerações. Primeiro não estamos falando de uma instrução escolar propriamente dita.³⁶ Refere-se a um sentido mais restritivo.³⁷ Isto é, para o cristianismo nascente o termo é essencialmente voltado para uma espécie de educação religiosa. A Pedagogia do Logos é parte do processo de iniciação à teologia da vida cristã, cujas pretensões repousa em especial a responder quais são as verdades em que o cristão precisa acreditar para ser salvo; e, como a partir delas é possível estabelecer uma conduta social compatível aos seus princípios da fé.³⁸

³⁴ JAEGER, 2014, p. 107.

³⁵ JAEGER, 2014, p. 110-111.

³⁶ A educação cristã, no sentido estrito, não se origina no domínio da escola, nem por isso é lícito concluir que a Igreja se desinteresse dela. Desde do judaísmo pela instrumentalidade das sinagogas através da Escola Rabínica como também posteriormente no cristianismo institucionalizado pela implantação de mosteiros e catequese a função escolar e educativa sempre foi marcante. Tal fenômeno é corresponsável e partícipe dos futuros processos que desencadearam a fundação de muitas Escolas propriamente ditas e várias Universidades na Europa.

³⁷ MARROU, H. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: Kírión, 2017, p. 505.

³⁸ MARROU, 2017, p. 505.

Proporcionalmente, naquele contexto inicial de origem e fundação, a educação cristã, no sentido sagrado e transcendental da palavra, não podia, como a educação profana, ser ministrada na escola, mas sobretudo pela Igreja e, por outro lado, de forma doméstica no seio da família. Trata-se do reflexo natural expressado pela herança judaica do qual o cristianismo deriva. Se por um lado, havia tendência a aceitar diversos aspectos contidos na cultura helenista dominante, ao mesmo tempo, a teologia cristã, não podia aceitar certas práticas e conceitos dessa cultura.³⁹ Diferente da especulação grega que visava descobrir a totalidade de uma visão unitária e absoluto do cosmo, pela instrumentalidade de um empreendimento exclusivamente racional, o processo educativo na tradição hebraica e cristã busca compreender a realidade da natureza e do homem, através da revelação divina contida nas Escrituras.⁴⁰

É nesse sentido, que se afirma que o cristianismo é uma religião do *Livro*. Isto é, apoia-se em uma Revelação escrita. Essa realidade possibilitou que o cristianismo se tornasse uma espécie de “religião douta”, na qual o contexto de barbárie “inexiste”.⁴¹ Os princípios educativos estão presentes, sobretudo pelo caráter bíblico da liturgia cristã, em que prevalece o contínuo convite às leituras, cuja presença e uso necessário do Livro sagrado é incontestável. Mais tarde ainda, na medida em que o movimento se institucionaliza, o papel da tradição escrita protagonizado pelos chamados “pais da Igreja”, é cada vez mais valorizado, passando a fazer parte da vida cotidiana dos cristãos. Por conseguinte, então, nascia um tipo de “cultura educativa”, em que o elemento letrado ocuparia um lugar de destaque.⁴² Todavia, criar um ensino orientado para vida religiosa e cujos programas em particular, estariam centrados no estudo dos Livros canônicos, só pode ser realizado de forma efetiva, utilizando-se da já conhecida educação familiar prescrita pela Lei judaica, estrategicamente importante no período de dispersão.⁴³

Entretanto, não podemos nos esquecer que estamos diante de palavras culturalmente importadas. Os conceitos de *Logos* e *Pedagogo*, do qual se originou a palavra pedagogia, é antes de qualquer coisa, terminologias

³⁹ GILES, 1987, p. 56.

⁴⁰ GILES, 1987, p. 44.

⁴¹ MARROU, 2017, p. 508.

⁴² MARROU, 2017, p. 508-509.

⁴³ MARROU, 2017, p. 509.

forjadas no contexto grego, e, portanto, possui especificidades próprias e dimensões contextuais específicas. Assim, embora hoje se convencionou que de fato é possível falar em processos educativos no cristianismo nascente, sobretudo a partir desses termos, tal afirmação só pode ser convincente, após um longo processo de assimilação e ressignificação. Por exemplo: os primeiros cristãos letrados vieram do ambiente cultural do mundo helenístico e frequentaram as escolas instituídas pelo governo imperial ou mantidas por mestres particulares, conseqüentemente, conheciam as tradições filosóficas, ainda que estas se distinguissem pelas suas convicções e pelas suas práticas religiosas que, nos primeiros séculos, os tornaram vítimas da incompreensão e perseguição dos imperadores. Diante disso, eles foram obrigados a reagirem de maneira apologética ao se defender.⁴⁴

Contextualizando: Primeiro em relação a palavra Logos. Com poucas exceções, preferencialmente a maior parte dos historiadores da filosofia entendem que a palavra Logos foi introduzida pela primeira vez por Heráclito de Éfeso.⁴⁵ Entretanto, filósofos, teólogos e historiadores estão longe de estabelecer concordância entre si, sobre a maneira como o respectivo conceito deve ser entendido, produzindo assim, múltiplas e diversas interpretações do mesmo. Dentre eles, destacam-se os seguintes nomes: Clemente de Alexandria, W. Kelber, M. A. Dynnik, A. Lossev, G. S. Kirk, P. Wheelwright, G. Vlastos, A. Bonetti, R. Singh, I. Banu, G. Thomson, E. Loew, M. Heidegger.⁴⁶ Objetivando especialmente cumprir o nosso propósito, interessa-nos pensarmos a partir da noção desenvolvida pelos chamados padres apologistas. Os primeiros apologistas cristãos admitiam que os antigos filósofos também conhecessem a verdade, a qual era apresentada pelo Logos de Deus.⁴⁷ Portanto, toda verdade deve ser relacionada ao Logos. Entretanto, o “Logos total” aparecer somente em Cristo, ao passo que aqueles filósofos o possuíram apenas germinalmente, ou seja, em parte. Este germe ou semente do Logos está presente em todos os homens, porém nem sempre é percebido. Por esse motivo, os demônios sempre se empenharam em tornar odiosos aqueles que, de algum modo,

⁴⁴NUNES, 2018, p. 24.

⁴⁵KUNZ, C. A. A Ideia de Logos Segundo Heráclito de Éfeso. **Revista Batista Pioneira** vol. 8, n. 2 dezembro/2019, p. 262.

⁴⁶KUNZ, 2019, p. 262-263.

⁴⁷BOEHNER; GILSON, 2017, p. 29-30.

quissem viver em conformidade com Logos divino fugindo-se da maldade.⁴⁸

Em segundo lugar, é preciso contextualizar também a palavra *Pedagogia*. Na sociedade helenística, a figura do pedagogo era originalmente um escravo que, conforme a etimologia da palavra, devia conduzir a criança, isto é, acompanhá-la à escola, protegendo-a dos perigos, mas também ensinando-a a se comportar.⁴⁹ Dito de outra forma, trata-se de uma espécie de encargo ou função cujo objetivo maior repousa a um cuidado completo da boa conduta moral. Platão costumava dizer que os rebanhos não podem viver sem pastor nem os escravos sem um senhor, da mesma sorte como as crianças não podem viver sem um *pedagogo*.⁵⁰ Proporcionalmente, na medida em que o cristianismo nascente passou a ter contato com o conceito, este também de maneira estratégica o ressignificou. Em termos práticos – primeiramente, passou-se a aplicar os conceitos pedagógicos ao trabalho apostólico. Isto é, a missão Pedagógica dos Apóstolos, sobretudo caracterizada pelos princípios evangelísticos do *Ide, Pregai e Ensina* recomendado por Jesus Cristo (Mt 28.18), constitui-se como modo educativo.⁵¹ Os Apóstolo, no entanto, não fundaram escolar, mas exerceram o ministério da palavra nas praças, nos lares, nos navios e nas prisões, instruindo as pessoas simples, recomendando aos filhos que obedecessem e honrassem aos pais; a estes, que educassem os filhos com seriedade e disciplina, segundo o Senhor; aos servos, obedecer e acatar com boa vontade aos senhores, e a estes, tratar os servos com bondade, pois o Senhor dos Céus não faz acepção de pessoas.⁵²

Diferente da moral grega, que se baseava na noção de *prépon*, (ser convincente) ou seja, na ideia de que um homem para ser bom e belo precisa ser, não só aos seus próprios olhos, mas sobretudo também aos olhos dos outros; procurar alcançar um alto nível de vida racional e moral que constitui a beleza por excelência.⁵³ A moral cristã baseia-se na noção de pecado, de

⁴⁸ JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologia e Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 2017, p. 98.

⁴⁹ MORESCHINI, C; NORELLI, E. **História da Literatura Cristã Antiga**: Grega e Latina. São Paulo: Loyola, 2014, p. 346.

⁵⁰ NUNES, 2018, p. 97.

⁵¹ NUNES, 2018, p. 24.

⁵² NUNES, 2018, p. 24-25.

⁵³ Os pressupostos contidos na noção de *prépon*, foi debatido e desenvolvido nos escritos de Platão. A ideia de medida e harmonia é fundamento da filosofia platônica e conceito geral do espírito grego na compreensão da natureza e perfeição física e espiritual do homem e suas obras, abrangendo todos os campos culturais: matemática, filosofia, artes, arquitetura, medicina, moral, política, etc. Em Platão, a beleza e a virtude em todas as coisas, são constituídas pela

ofensa ou falta contra Deus, de modo que o temor de Deus, ou o temor do seu juízo e punição, constitui a mola primordial dessa moral.⁵⁴ De qualquer modo, os primeiros apologistas, por conta e risco – chegaram à conclusão de que para ser cristão, é possível antes que homem seja “bem amadurecido” no plano educativo, a fim de poder realizar posteriormente (com ajuda do Logos divino) atos de fé e atos morais.⁵⁵

Portanto, assim nasce o conceito de *Pedagogia do Logos*. Seu principal expoente e sistematizador foi sem dúvida Clemente de Alexandria. Ele faz uma admirável transposição semântica do termo, aplicando-o ao próprio Logos, o Filho de Deus feito homem. Assim, conforme um passo inicial do pedagogo, o Logos quer salvar-nos e conduzir-nos à perfeição e, com efeito, realizar uma espécie de programa educacional. Primeiramente, converte-nos; em seguida, educar-nos como um pedagogo e por fim, ensinar-nos.⁵⁶ Esta analogia entre fé cristã e educação, pode ser melhor explicada pelo próprio Clemente que diz:

[...] a religião é uma espécie de exortação, além de um culto piedoso que se rende ao bom Deus. Trata-se, contudo, de uma instrução perpétua, para nos fazer aprender a levar uma vida correta, inspirando-nos a desejar ardentemente a vida futura. Por isso, estamos usando o nome *Pedagogo*, por conta dos remédios e preceitos que Ele nos dá. Afinal, Ele mesmo nos prometeu a cura de nossas paixões, conquanto sejamos dóceis e sigamos as suas instruções [...] quando o Pedagogo se utiliza das regras morais e exorta o discípulo a cumprir todos os seus deveres em relação a elas, está a dar lições práticas: além de explicá-las, expõem-se vivamente, e de forma bem natural, todas as faltas cometidas pelos discípulos [...] o Pedagogo nos indica preceitos simples que se assemelha-se aos remédios mais doces e suaves. Da mesma forma que um corpo atingido por alguma enfermidade necessita de um médico, aqueles que têm um espírito doente necessitam de um diretor espiritual que possa prescrever remédios contra as paixões; têm um doutor que os instrua, que os faça aprender as máximas da Santa Doutrina, ao mesmo

medida e proporção, métron, como medida exterior e interior. ver. CAMARERO, A. **La teoría ético-estética del decoro en la antigüedad**. Bahia Blanca-Argentina: Editorial de la Universidad Nacional del Sur, 2000, p. 9-10.

⁵⁴ NUNES, 2018, p. 47.

⁵⁵ MARROU, 2017, p. 512-513.

⁵⁶ NUNES, 2018, p. 97.

tempo em que com todo cuidado, conduza-os ao mais alto grau de perfeição através das regras da mais alta disciplina.⁵⁷

Do ponto de vista teológico-literário a obra *O Pedagogo*,⁵⁸ trata-se de um tratado de moral e de espiritualidade cotidiana, constituindo-se um verdadeiro guia da alma que queira encaminhar-se para Deus. A contribuição histórica de Clemente de Alexandria consiste no esforço que ele realizou, por instalar o cristianismo na dignidade da inteligência, utilizando-se de métodos do seu contexto filosófico.⁵⁹ Tal empreendimento literário, o insere no elenco entre os pioneiros do diálogo entre fé e razão na tradição cristã. Por analogia, Clemente chegou ao ponto de afirmar que Deus dera à filosofia grega uma espécie de valor constitutivo de “testamento”. Para ele, a tradição filosófica possui status quase ao nível da Lei para os judeus, pois no âmbito da revelação são duas correntes que, em síntese, se dirigem para o próprio Logos de Deus.

Em termos estruturais, a obra de Clemente está dividida em 3 livros. Cada livro foi subdividido em diversos capítulos temáticos. No primeiro livro, temos 13 capítulos. Mais precisamente nos 4 primeiros capítulos, Clemente expõe as funções ou ofícios do Logos, já brevemente enumerados na citação acima. Os principais temas são: exortação, educação moral e instrução dogmática.⁶⁰ O Pedagogo, diz Clemente: [...] *é prático e não teórico, e o seu objetivo é tornar a alma melhor e não ensinar; é encaminhá-la para uma vida prudente e não erudita.*⁶¹ Nos capítulos 5 e 6 o autor demonstra a importância da simbologia da criança, utilizada nas Escrituras para se referir aos verdadeiros cristãos. Tal princípio inclusive foi recomendado por Jesus. É necessário imitar a simplicidade das crianças para herdarmos o Reino de Deus (Mt 18.3-4). Ele diz:

Não é necessário explicar que a pedagogia tem por objetivo a condução das crianças, isto é, a sua instrução; a etimologia própria dessa palavra é suficiente como prova.

⁵⁷ CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **O Pedagogo**. Campinas: Ecclesiae, 2013, p. 19-20.

⁵⁸ As obras mais importantes que dele nos restam são três: o Protréptico, o Pedagogo e o Estromata. Mesmo parecendo não ser esta a intenção originária do autor, é uma realidade que estes escritos constituem uma verdadeira trilogia, destinada a acompanhar eficazmente a maturação espiritual do cristão. Ver: Audiência Geral do Papa Bento XVI sobre Clemente de Alexandria – 18 de abril de 2007. In. Prefácio. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2013, p. 10

⁵⁹ DANIEL-ROPS, H. **Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 2014, p. 327.

⁶⁰ NUNES, 2014, p. 98.

⁶¹ CLEMENTE, 2013, p. 20.

Mas ainda resta-nos examinar quais são as crianças de que tratam as Escrituras – e colocá-las sob a direção de um Pedagogo. Buscando as Escrituras, saberemos que essas crianças somos todos nós. Muitas vezes elas empregam a palavra “criança” para designar uma série de alegorias que exprimem a mesma ideia; isso para nos fazer ver, através de diversas maneiras, qual simples deve ser nossa fé [...] chamamos pelo nome de pedagogia (paideia) a condução da infância, essa arte que tem como objetivo o estudo da virtude e nos ensina a praticá-la [...] não é porque, como muitos acreditam, as crianças são incapazes de refletir e de fazer uso da sua razão que o Senhor no-las apresenta como modelos. Não! Esta interpretação seria extremamente viciada [...] somos os pequeninos do Senhor; esse termo de ternura, do qual se serve o Verbo, esse termo tirado da fragilidade da infância, expressa, de maneira misteriosa e admirável, qual deve ser a simplicidade da nossa alma.⁶²

Do capítulo 7 ao 13 Clemente se dedica a estabelecer alguns aspectos específicos do pedagogo. Subentende-se, então, que Ele sempre será apresentado como o Logos de Deus, o qual conduz à salvação as crianças que somos nós. Proporcionalmente, o autor defende que a pedagogia pode ter diversos sentidos: [...] *a de Deus é a indicação da via reta da verdade com destino à contemplação de Deus e o modelo de ações santas numa perspectiva eterna.*⁶³ A especificidade do método pedagógico utilizado pelo Pedagogo, está pautada em dois princípios: severidade e castigo. A partir deles, Clemente tem que contradizer o ponto de vista daqueles, gnósticos e marcionistas, que costumavam afirmar a incompatibilidade entre a bondade e a justiça retributiva de Deus.⁶⁴ Entretanto, de maneira didática, Deus antes de punir, ameaça com o castigo, objetivando o temor para forçar o homem a evitar o pecado, o que constitui um bom método pedagógico, visto que, quanto castiga de fato, não o faz por ódio nem por vingança, mas para a correção do pecador.⁶⁵

Em continuidade, o segundo e terceiro livro, são composição de 12 capítulos temáticos cada. Se no primeiro livro Clemente se preocupou em

⁶² CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2013, p. 32, 36, 38.

⁶³ MORESCHINI; NORELLI, 2014, p. 348.

⁶⁴ MORESCHINI; NORELLI, 2014, p. 348.

⁶⁵ MORESCHINI; NORELLI, 2014, p. 348-349.

estabelecer princípios e especificidades sobre a noção cristã do Logos divino, o segundo e terceiro livro, representam todo um repertório de regras e práticas de morais, para todas as circunstâncias da vida, sobretudo sustentadas por citações Bíblicas, mas também por autores gregos.⁶⁶ Resumindo estas são: (1) *da comida, bebida e banquetes*, (2) *do riso e comportamentos inadequados*; (3) *das tipo de vestimentas e calçados*; (4) *do uso fútil das palavras livres*; (5) *dos perfumes, coroas e ornamentos*; (6) *do tempo de descanso e sono*; (7) *do matrimônio e da finalidade do casamento*; (8) *da proibição de adquirir joias e pérolas*; (9) *da beleza natural e o perigo do embelezamento do homem*; (10) *da utilidade e uso eficiente do tempo*; (11) *do comportamento nos banhos*; (12) *da verdadeira riqueza*; (13) *da simplicidade*; (14) *do uso da imagens*; (15) *dos exercícios físicos*; (16) *do viver segundo as Escritura*. Nenhum destes pode ser apreciado fora de seus contextos. Isto é, Clemente objetivava exaltar princípios morais vitais e importantes para qualquer sociedade, tais como: a prudência, a moderação, o equilíbrio, o preceito, o exemplo, a exortação, a correção e o amor. Por fim, Clemente conclui a sua obra como um hino ao Cristo Salvador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado por Clemente de Alexandria admite que não há antagonismo sério e radical entre o cristianismo nascente e a filosofia helenista, pois os ideais básicos defendidos pelo cristianismo supostamente já estariam implícitos de forma embrionária na filosofia grega. É como se os filósofos gregos já fossem “cristãos antes de haver cristãos” propriamente dito. Nesse sentido, as propostas defendidas por Werner Jaeger no final do século XX são de fato compatíveis. Entretanto, não podemos nos esquecer que esse posicionamento nem sempre foi unanimidade no interior da cristandade. Enquanto Justino, Clemente e Orígenes procuravam conciliar a fé cristã com a cultura helenista, Tertuliano, Aristides e Taciano mostravam-se mais arredios.

É difícil nos esquecer das expressões emblemáticas de Tertuliano de Cartago que diz: “o que é pode haver de comum entre Atenas e Jerusalém? Ou quais poderão ser os pontos de convergência entre a Academia e a Igreja, entre os hereges e os cristãos, entre a sabedoria secular e a divina? Ora, o cristianismo em “oposição a filosofia” é uma corrente teológica que perpassou

⁶⁶ MORESCHINI; NORELLI, 2014, p. 349.

o decurso da toda historiografia cristã, podendo inclusive ser encontrada até mesmo da tradição reformada como por exemplo em Lutero, Calvino e Barth. É nesse contexto, que inicialmente se fundamentam os pressupostos e críticas a chamada a analogia entis, bem como a teologia natural.

Seja como for, se o alcance teológico desse artigo é limitado, ele deve ao menos representar, um testemunho preciso das preocupações e método desenvolvidos pela Escola de Alexandria, numa situação em tantas questões teológicas dependendo do contexto, permanecem até hoje, mal-entendidas. Subentende-se que qualquer defesa de uma suposta “neutralidade doutrinária” é ideológica. Portanto, os parâmetros e os aportes teóricos apresentados na pesquisa devem sempre ser pensados inicialmente em conformidade com seus ambientes de origem, para só depois serem ressignificados e aplicados. Talvez assim, a defesa ou a crítica dos mesmos seja academicamente mais justa.

REFERÊNCIAS

- BOEHNER, P; GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CAMARERO, A. **La teoría etico-estética del decoro en la antigüedad**. Bahia Blanca-Argentina: Editorial de la Universidad Nacional del Sur, 2000.
- CLEMENTE ROMANO. In. **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2017.
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **O Pedagogo**. Campinas: Ecclesiae, 2013.
- DANIEL-ROPS, H. **Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 2014.
- GILES, T. R. **História da Educação**. São Paulo: EPU, 1987.
- GOMES, M. P. **Antropologia**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GONZÁLES, J. L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 1.
- JAEGER, W. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**. São Paulo: Academia Cristã, 2014.
- JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins

Fontes, 1991.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologia e Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 2017.

KUNZ, C. A. A Ideia de Logos Segundo Heráclito de Éfeso. **Revista Batista Pioneira** vol. 8 n. 2 dezembro/2019, p. 247-275.

MARROU, H. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: Kíron, 2017.

MELO, J. J. P. São Clemente Romano e sua Carta aos Coríntios: aspectos da Educação Cristã. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano V, n. 13, 2012, p. 181-203.

MORESCHINI, C; NORELLI, E. **História da Literatura Cristã Antiga: Grega e Latina**. São Paulo: Loyola, 2014.

NUNES, R. A. C. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. São Paulo: Kíron, 2018.

ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2017.

ORÍGENES. **Tratado Sobre os Princípios**. São Paulo: Paulus, 2018.

SÃO JERÔNIMO. **Apologia Contra os Livros de Rufino**. São Paulo: Paulus, 2013.

TILLICH, P. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2007.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional